

INTRODUÇÃO À GEOGRAFIA

SUMÁRIO

1-	O MERCADO DE TRABALHO	3
2-	MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS INTERNOS E EXTERNOS	8
3-	A MISCIGENAÇÃO E A FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA	24

REFERÊNCIAS

1- O MERCADO DE TRABALHO

Mercado de Trabalho é um conceito utilizado para explicar a procura e a oferta das atividades remuneradas oferecidas pelas pessoas ao setor público e ao privado.

Brasil

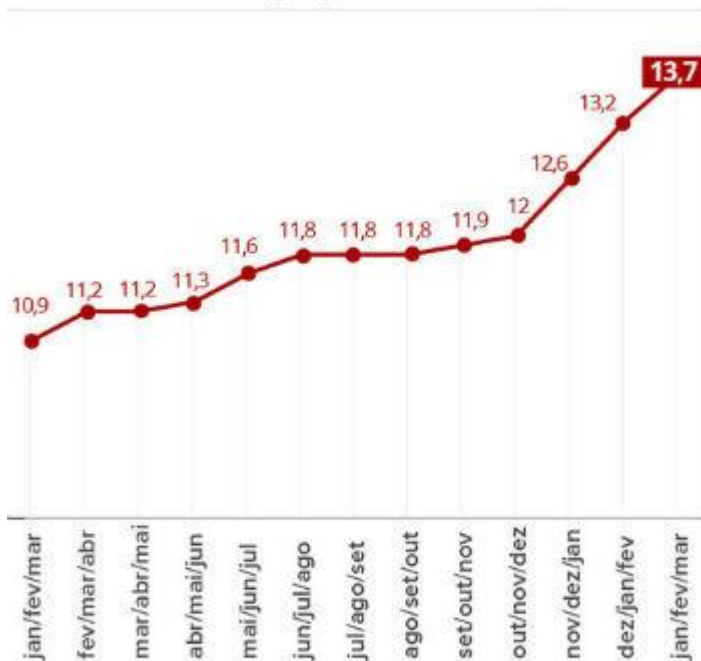
O mercado de trabalho acompanhou a expansão da economia e as taxas de desemprego chegaram a registrar somente 4% de desocupação.

Cada vez mais, exige-se o ensino médio para as profissões mais elementares, conhecimento básico de inglês e informática. Devido a desigualdade social do país, nem sempre esses requisitos serão cumpridos durante a vida escolar.

O melhor é se dedicar aos estudos, fazer um bom currículo, acumular experiências de trabalho voluntário e se preparar para entrevistas.

Por isso, é preciso abandonar de vez a ideia de [trabalho infantil](#) e lembrar que uma criança que não estudou durante a infância será um adulto com menos chances de conseguir um bom emprego.

Desde 2016, a taxa de desemprego tem crescido e isso só aumenta a competição para quem deseja se recolocar ou entrar no mercado de trabalho.

Taxa de desocupação no Brasil, em %

FONTE: IBGE

Infográfico elaborado em: 28/04/2017

Taxa de desemprego no Brasil em 2017

Muitas pessoas recorrem ao [trabalho informal](#), temporário ou não, a fim de escapar da situação de desemprego.

Atual

O mercado de trabalho nunca foi tão competitivo. A [economia de mercado](#) globalizada fez com que as empresas possam contratar pessoas em todos os cantos do planeta. Com o crescimento do trabalho remoto esta tendência só tende a aumentar.

Igualmente, os postos oferecidos pelo mercado de trabalho exigem cada vez mais tempo de estudo, autonomia e habilidades em informática.

Dessa maneira, nem sempre aqueles que são considerados como [população economicamente ativa](#), tem suficiente formação para ingressar no mercado de trabalho.

Tendências

As principais tendências para o aperfeiçoamento do trabalhador, em 2017, segundo uma consultoria brasileira seriam:

- Capacidade de Negociação
- Execução de planejamento estratégico e projetos
- Assumir equipes de sucesso herdadas
- Domínio do idioma inglês

Mulher

Embora a mulher ocupe uma fatia expressiva do mercado de trabalho, vários problemas persistem como a remuneração inferior ao homem e a dupla jornada de trabalho.

Mesmo possuindo a mesma formação de um homem e ocupando a mesma posição, a mulher ganhará menos. Além disso, em casa se ocupará mais tempo das tarefas domésticas do que os homens.

Segundo a [Organização Internacional do Trabalho \(OIT\)](#), em todo mundo, apenas 46% das mulheres em idade de trabalhar buscam emprego. Na mesma faixa etária, os homens respondem por 76%.

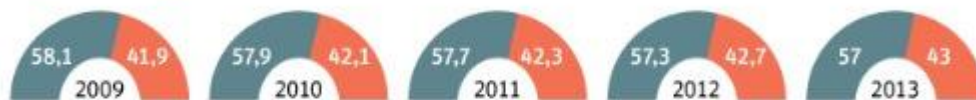
Nos países desenvolvidos a mulher ocupa 51,6% dos postos de trabalho frente aos 68% dos homens. No Brasil, essa diferença é de 22 pontos percentuais, aumentando a brecha salarial.

Nos gráficos abaixo podemos observar a participação da mulher no mercado de trabalho no Brasil:

PRESENÇA FEMININA NO BRASIL

Participação de mulheres e homens em postos de trabalho formais, em %

■ Homens ■ Mulheres

**Setores com maior presença feminina em 2013, em %****Setores com maior presença masculina em 2013, em %**

Fonte: IBGE

Divisão do

mercado de trabalho entre mulheres e homens

Jovens

Para os jovens da chamada geração Y ou os *millennials* – que nasceram após 1995 – o mercado de trabalho pode ser um desafio complexo.

Os *millennials* se caracterizam por ter um domínio das tecnologias mais recentes, [redes sociais](#) e até programação. Possuem bom nível de inglês e um segundo idioma, fizeram pós-graduação e quem pode, viajou para o exterior.

Por outro lado, têm dificuldades em aceitar hierarquias e, por conta de sua formação, desejam começar logo em postos de comando. São menos propensos a serem fiéis à empresa e preferem empreender seu próprio negócio que buscar um emprego tradicional.

A realidade dos *millennials* nos [países subdesenvolvidos](#) em geral e no Brasil em particular esbarra sempre no acesso à educação formal.

Profissões mais valorizadas

Apesar de ser apenas uma estimativa, aqui estão as profissões que estão em alta e devem ser mais demandadas nos próximos anos:

- Marketing digital
- Estatística
- Analista de dados
- Médico
- Biotecnologia e Nanotecnologia
- Economia Agroindustrial
- Administração de Empresas
- Comércio Exterior
- Turismo
- Geriatria
- Design com foco em inovação

2- MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS INTERNOS E EXTERNOS

Externos

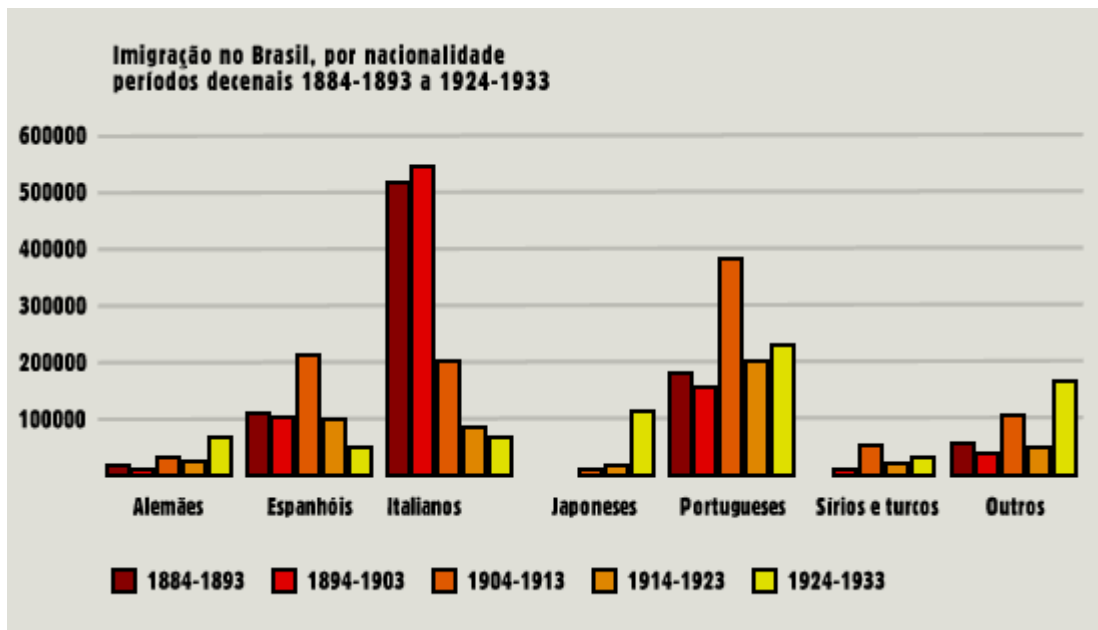
Até 1934, foi liberada a entrada de estrangeiros no Brasil. A partir dessa data, ficou estabelecido que só poderiam imigrar 2% de cada nacionalidade dos estrangeiros que haviam migrado entre 1884 e 1934.

Os fatores que mais favoreceram a entrada de imigrantes no Brasil foram:

- A dificuldade de encontrar escravos após a extinção do tráfico, depois de 1850;
- O ciclo do café, que exigia mão de obra numerosa;
- Abundância de terras.



Para a maior parte dos imigrantes, a adaptação foi muito difícil, pois além das diferenças climáticas, da língua e dos costumes, não havia no país uma política firme que assegurasse garantias as pessoas que aqui chegavam. As regiões sul e sudeste foram as que receberam maior contingente de imigrantes, principalmente por causa do ciclo do café e povoamento da região sul.



Imigração no Brasil por nacionalidade



Imigrantes italianos na região de Caxias do Sul (RS) em 1911

Internos

Em nossa história, os principais movimentos migratórios foram:

- Migração de nordestinos da Zona da Mata para o sertão, séculos XVI e XVII (gado);
- Migração de nordestinos e paulistas para Minas Gerais, século XVII (ouro);
- Migração de mineiros para São Paulo, século XIX (café);
- Migração de nordestinos para a Amazônia, devido ao ciclo da borracha;
- Migração de nordestinos para Goiás, na década de 1950 (construção de Brasília);

- Migrações de paulistas para Rondônia e Mato Grosso, na década de 1970.



Movimentos migratórios

Os movimentos migratórios mais intensos nas décadas de 1980 e 1990 foram nas regiões:

- **Centro-oeste:** Brasília e arredores; áreas do interior do MT, MS e GO, onde ocorre a expansão da pecuária e da agricultura comercial.
- **Norte:** zonas de extrativismo mineral em RO, AP e PA; zonas madeireiras no PA e AM; áreas agrícolas em RO e AC.
- **Sudeste:** migrações das capitais para o interior dos estados de SP, RJ e MG.
- **Sul:** até o final da década de 1980, os movimentos emigratórios para o centro-Oeste e norte foram muito significativos. Na década de 1990, houve forte migração intraestadual, principalmente das metrópoles para o interior.
- **Nordeste:** tradicionalmente, o nordeste era uma área de evasão populacional, principalmente do sertão para a Zona da Mata ou outras regiões do país, como sudeste e centro-oeste. Atualmente, há uma atração devido os incentivos fiscais dos estados às empresas de fora, mão de obra barata e turismo.

Estrutura da população

Avalia-se a estrutura da população através da sua distribuição etária, condição socioeconômica e sua posição no IDH (Índice de Desenvolvimento Humano).



Em relação aos critérios de avaliação dos países, desde 1950 até o final da década de 1980, a classificação comum era aquela que enquadrava os países da seguinte forma:

- 1º mundo: países capitalistas desenvolvidos;
- 2º mundo: países socialistas de economia planificada;
- 3º mundo: países subdesenvolvidos.

Acontecimentos na geopolítica internacional, como a queda do **Muro de Berlim**, fim da **Guerra Fria**, ressurgimento da Europa como **potência econômica** e o fim da **experiência socialista soviética**, marcam uma nova disposição da ordem mundial, em que se menciona o **mundo multipolar** e a **globalização da economia**.

A partir daí, tornou-se necessário um novo entendimento para classificar os países. A ONU passou a utilizar o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), que tem por objetivo avaliar a qualidade de vida através de alguns critérios:

- Expectativa de vida;
- Renda per capita;
- Grau de instrução.

O IDH avalia e aplica uma nota que varia de 0 a 1. Quanto mais próximo do 1, melhor o IDH de uma país, ou de uma região. Veremos mais informações sobre o IDH nos próximos tópicos.



IDH no mundo

Estrutura etária

A estrutura etária de uma população costuma ser dividida em três faixas:

- Jovens, que são do nascimento até 19 anos;
- Adultos, dos 20 anos até 59 anos;
- Idosos, que vai dos 60 anos em diante.

A estrutura etária de uma população não se divide apenas nas três faixas (jovens, adultos, idosos), pode-se também dividir a população através de um gráfico denominado pirâmide etária. Esse gráfico não informa apenas sobre a faixa etária, mas também sobre a proporção dos sexos em cada idade.

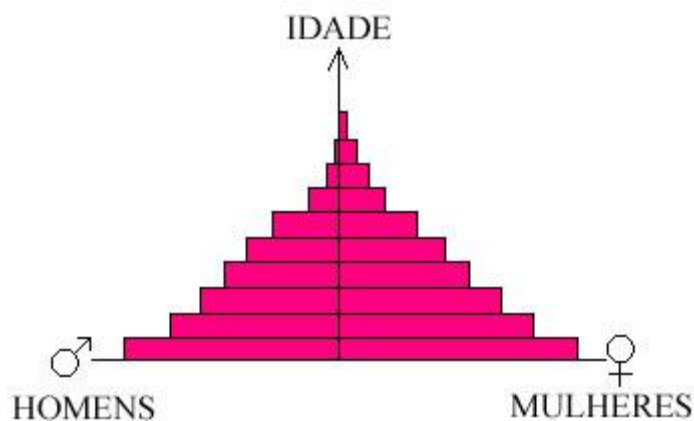
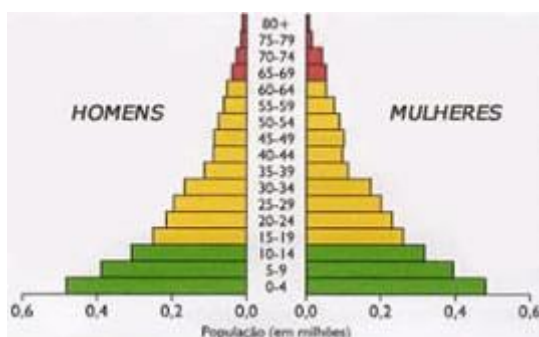


Ilustração modelo de pirâmide etária

Países subdesenvolvidos

A pirâmide apresenta uma base larga em função da alta densidade de natalidade. O estreitamento é rápido em decorrência da mortalidade. A altura da pirâmide e a largura da extremidade superior indica que poucas pessoas chegam à velhice (o que é explicado pelo baixo padrão de vida).

O contorno nos mostra ainda que há predominância de jovens. A explosão demográfica é um fenômeno comum aos países cujas estruturas etárias podem ser representadas pela figura deste modelo. Exemplos: Indonésia, Etiópia, etc.

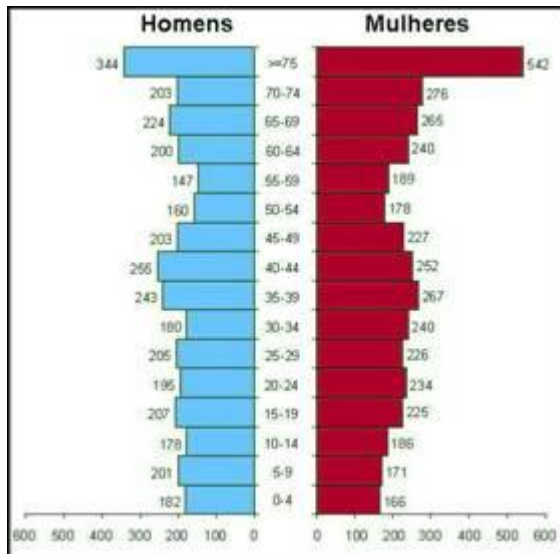


Exemplo de pirâmide para países subdesenvolvidos

Países de população envelhecida

A base bem mais estreita, comparada com outras figuras, indica um crescimento reduzido ou negativo há muito tempo (países da evolução industrial antiga). A

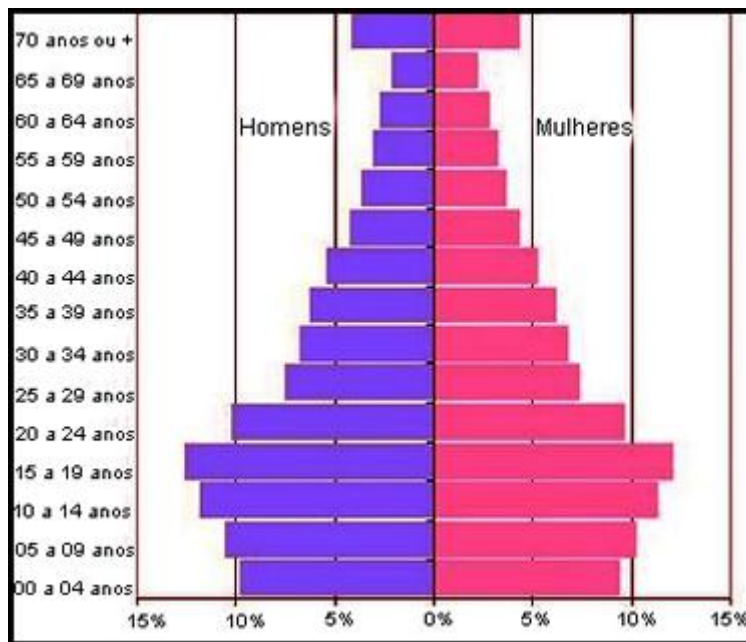
extremidade oposta a base indica a percentagem bastante alta de idosos (indicativo de excelente padrão de vida). Exemplos: europeus, japoneses, etc.



Exemplo de pirâmide para países de população envelhecida

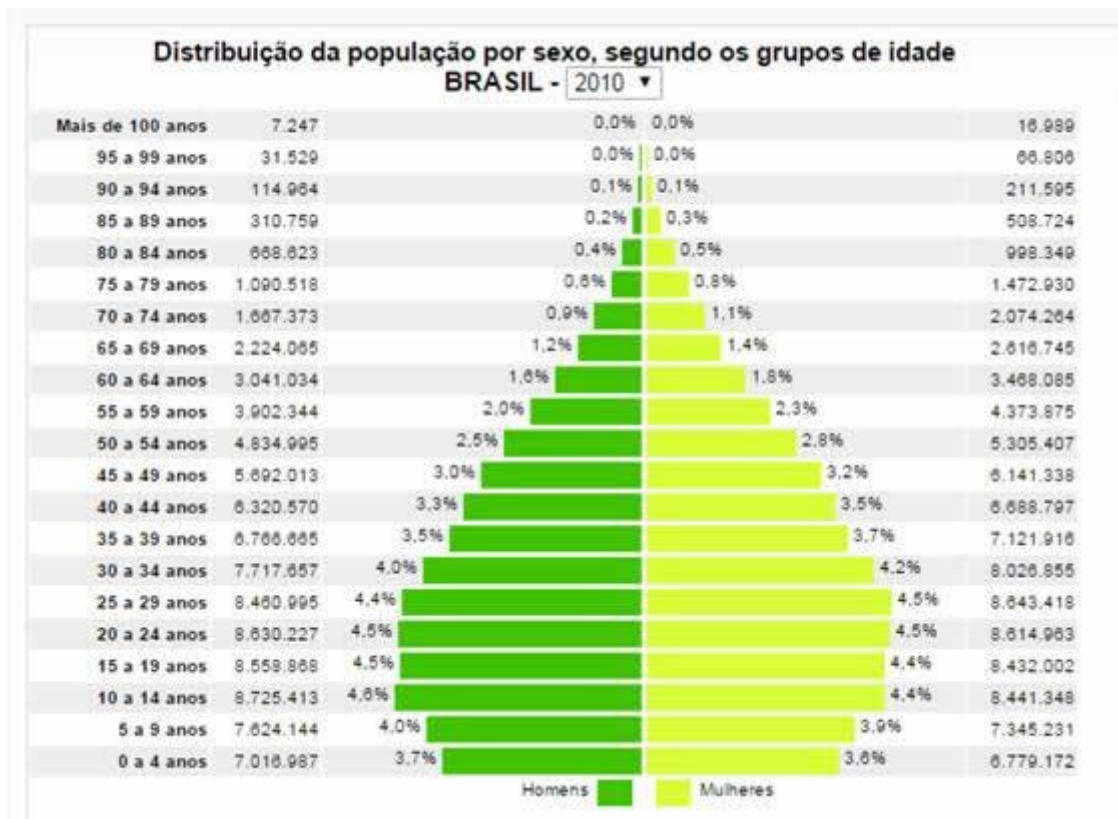
Países em fase de envelhecimento

Pode-se apresentar a estrutura etária dos países que realizaram industrialização após os europeus. Predominam os adultos, portanto, os ativos. Em alguns países, embora o aumento do padrão de vida não tenha sido significativo para a maioria da população, a classe média, por questões econômicas, tem optado por uma menor quantidade de filhos para tentar manter a qualidade de vida.



Exemplo de pirâmide para países em fase de envelhecimento

A pirâmide etária do Brasil tem sua base larga e vai estreitando-se até atingir o topo. Isso significa que o número de idosos é relativamente pequeno. O gráfico do Brasil demonstra que, mesmo com todo o crescimento, continuamos a ser um país jovem, pois no caso dos países mais desenvolvidos, a base da pirâmide costuma ser menos larga e o topo mais amplo.



Pirâmide etária do Brasil – dados do censo IBGE 2010

PEA (População Economicamente Ativa)

É a população que exerce atividade remunerada nas formas da lei.

Nos países desenvolvidos, os ativos são predominantemente a população adulta, enquanto nos subdesenvolvidos tanto os jovens quanto os idosos trabalham juntamente com os adultos.

País	PEA total (em milhões de pessoas)	Agropecuária (%)	Indústria (%)	Serviços (%)
Reino Unido	30,3	1,3	24,2	74,3
Estados Unidos	147,9	2,5	21,1	76,4
Alemanha	41,0	2,6	32,0	65,4
Japão	66,9	4,7	29,7	65,7
África do Sul*	17,2	9,3	32,8	55,8
Brasil*	80,7	23,4	20,1	56,5
China*	763,2	47,5	21,7	34,9
Índia*	460,5	66,7	12,9	20,3
Nigéria*	51,6	36,6	7,5	55,8
Irã*	20,4	23,0	30,7	44,5

Exemplo de tabela PEA por países (dados de 2002)

Economia informal

De acordo com a OIT (Organização Internacional do Trabalho), economia informal consiste no conjunto de atividades organizadas em bases não capitalistas.

Abrange o trabalho realizado por conta própria e as pequenas empresas nas quais não existe separação entre o capital do negócio e o patrimônio da família. Na grande maioria das vezes, os empregados não são protegidos pelas leis nem pelos direitos sociais.



Exemplo de economia informal

Indicadores sociais

Os indicadores sociais são dados estatísticos sobre os vários aspectos da vida de um povo que, em conjunto, retratam o estado social da nação e permitem conhecer o seu nível de desenvolvimento social.

Os indicadores sociais compõem um sistema e, para que tenham sentido, é necessário que sejam observados uns em relação aos outros, como elementos de um mesmo conjunto.

A partir destes indicadores sociais, pode ser avaliada a renda *per capita*, analfabetismo (grau de instrução), condições alimentares e condições médicas-sanitárias de uma região ou país.



Ilustração de gráfico para indicadores sociais

Através destes indicadores, pode-se ainda indicar os países como sendo: *ricos* (desenvolvidos), *em desenvolvimento* (economia emergente) ou *pobres* (subdesenvolvidos). Para que isso ocorra, organismos internacionais analisam os países segundo:

- Expectativa de vida (média de anos de vida de uma pessoa em determinado país).
- Taxa de mortalidade (corresponde ao número de pessoas que morreram durante o ano).
- Taxa de mortalidade infantil (corresponde ao número de crianças que morrem antes de completar 1 ano).
- Taxa de analfabetismo (corresponde ao percentual de pessoas que não sabem ler e escrever).
- Renda Nacional Bruta (RNB) *per capita*, baseada na paridade de poder de compra dos habitantes.
- Saúde (referente à qualidade da saúde da população).
- Alimentação (referente à alimentação mínima que uma pessoa necessita, cerca de 2.500 calorias, e se essa alimentação é equilibrada).

- Condições médico-sanitárias (acesso a esgoto, água tratada, pavimentação, entre outros).
- Qualidade de vida e acesso ao consumo (correspondem ao número de carros, de computadores, televisores, celulares, acesso à internet, etc).

IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)

O **IDH** foi criado pela ONU (Organização das Nações Unidas) com o objetivo de medir o grau econômico e, principalmente, como as pessoas estão vivendo nos países de todo o mundo.

O IDH avalia os países em uma escala de 0 a 1. O índice 1 não foi alcançado por nenhum país do mundo, e dificilmente será, pois tal índice iria significar que determinado país apresenta uma realidade praticamente perfeita, com elevada renda per capita, expectativa de vida de 90 anos e assim por diante.

Igualmente é importante ressaltar que não existe nenhum país do mundo com índice 0, pois se isso acontecesse seria o mesmo que apresentar, por exemplo, taxas de analfabetismo de 100% e todos os outros indicadores em níveis catastróficos. Os 10 países que ocupam o topo no quesito "**muito alto desenvolvimento humano**" na tabela que apresenta o ranking IDH Global de 2018 são:

Ranking IDH Global	País	Nota
1	Noruega	0,953
2	Suiça	0,944
3	Austrália	0,939
4	Irlanda	0,938
5	Alemanha	0,936
6	Islândia	0,935
7	Hong Kong	0,933
8	Suécia	0,933
9	Singapura	0,932
10	Holanda	0,931

De acordo com este relatório, o Brasil figura no quesito "*alto desenvolvimento humano*", ocupando a posição **79º** no ranking IDH Global, com nota **0,759**.



Mapa ilustrando a visualização IDH Global

Que tipo de informação os indicadores podem dar sobre o Brasil?

A comparação entre as regiões norte, nordeste, sudeste, sul e centro-oeste é muito importante para que tenhamos condições de conhecer melhor uma região ou o país. Quando comparados os indicadores sociais do nordeste com os do sudeste (por exemplo, número de pessoas que têm em casa esgoto ligado à rede geral, água tratada e coleta de lixo), fica evidente que no nordeste as famílias vivem em piores condições de vida do que no sudeste.

Ao mesmo tempo, estes indicadores possibilitam que tenhamos condições de avaliar com mais cuidado as ações dos governos no que se refere à administração da vida das pessoas. Um governo conseguiu melhorar os índices de educação em várias regiões, outro pode ter incentivado a criação de novas indústrias - os números mostram o que realmente foi realizado.

Quem são os responsáveis pela produção das informações que integram o sistema de indicadores sociais?

Na grande maioria dos países, são os órgãos oficiais do governo. No Brasil, o **IBGE** (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) é o órgão oficial responsável pela produção das estatísticas que compõem o sistema de indicadores sociais. As principais fontes de dados são as pesquisas do próprio Instituto, como as pesquisas censitárias (censo demográfico e contagem populacional)

Urbanização

Na área da Geografia, **urbanização** é um processo de transformação das características rurais de uma localidade ou região para características urbanas.

Normalmente, a urbanização está relacionada ao desenvolvimento da civilização e da tecnologia. Nesse processo, o espaço rural transforma-se em espaço urbano e ocorre a migração populacional do tipo campo-cidade.

A urbanização é estudada por ciências diversas, como a sociologia, a geografia e a antropologia, cada uma delas propondo abordagens diferentes sobre o problema do crescimento das cidades. As disciplinas que procuram entender, regular, desenhar e planejar os processos de urbanização são o urbanismo, o planejamento urbano, o planejamento da paisagem, o desenho urbano, a geografia, entre outras.



A cidade de São Paulo - exemplo para urbanização

O processo de urbanização

Apesar de o processo de urbanização ter se iniciado com a Revolução Industrial, foi até meados do século XX um fenômeno relativamente lento e circunscrito.

Após a Segunda Guerra Mundial, esse fenômeno foi concluído nos países desenvolvidos e iniciado de maneira avassaladora em muitos países subdesenvolvidos, na maioria dos países latino-americanos e em muitos países asiáticos. O continente africano ainda é muito pouco urbanizado.

Todos os países desenvolvidos, bem como alguns países de industrialização recente, apresentam taxas altas de urbanização. Com exceção da China e Índia, com as maiores populações do planeta, todos os países industrializados são urbanizados. Há países que apresentam índices muito baixos de industrialização e outros que praticamente não dispõem de um parque industrial, e mesmo assim são fortemente industrializados.

Sendo assim, conclui-se que há dois conjuntos básicos de fatores que condicionam a urbanização: os **atrativos**, que atraem populações para as cidades; e os **repulsivos** que as repelem do campo.

Urbanização de países desenvolvidos

Os fatores **atrativos** da urbanização em países desenvolvidos estão ligados essencialmente ao processo de industrialização, às transformações provocadas na cidade pela indústria.

Nesses países, além das transformações urbanas, ocorreu como consequência da Revolução Industrial também uma revolução agrícola, ou seja, uma atualização da agropecuária que, ao longo da história, foi permitindo a mudança de pessoas do campo para a cidade, especialmente em decorrência da mecanização da agricultura.

A urbanização que ocorreu nos países desenvolvidos foi gradativa. As cidades foram se estruturando sem pressa para absorver os migrantes, tendo melhorias na

infraestrutura urbana - moradia, água, esgoto, luz, etc - e aumento de geração de empregos.

Deste modo, os problemas urbanos não se multiplicaram tanto como nos países subdesenvolvidos. Além disso, pelo fato de gradualmente haver um aumento nos fluxos de mercadorias e pessoas, o processo de industrialização foi também se descentralizando geograficamente. Como resultado, há nos países desenvolvidos uma densa e articulada rede de cidades.

Urbanização em países subdesenvolvidos

Os fatores **repulsivos** são típicos de países subdesenvolvidos, sem indústrias ou com um baixo nível de industrialização. Estes fatores estão ligados diretamente às péssimas condições de vida existentes na zona rural, em função da estrutura fundiária bastante concentrada, dos baixos salários, da falta de apoio aos pequenos agricultores, das técnicas de cultivo, entre outros.

Desta forma, existe uma grande transferência de população para as cidades, especialmente para as grandes metrópoles, criando uma série de problemas urbanos. Estes problemas são resultado de um fenômeno urbano característico de muitos países subdesenvolvidos: a *macrocefalia urbana*.



Crescimento desordenado - exemplo de macrocefalia urbana

A *macrocefalia urbana* deve ser entendida como resultado da grande concentração das atividades econômicas, principalmente de serviços, portanto a população em algumas cidades acaba se tornando muito grande relativamente. Ainda que esse fenômeno ocorra também em países desenvolvidos, ele assume proporções maiores nos subdesenvolvidos.

Nos países desenvolvidos, como o crescimento das cidades foi lento e bem planejado, o fenômeno não tomou proporções tão grandes como em muitos países subdesenvolvidos, onde o crescimento das cidades foi, além de muito concentrado espacialmente, rápido e caótico. A consequência foi uma série de problemas prontamente percebidos na paisagem urbana desses países.

Consequências do crescimento desordenado

O crescimento rápido de algumas cidades, que acaba culminando no fenômeno da metropolização, é resultado da incapacidade de criação de empregos na zona rural, em cidades pequenas e médias, o que acaba forçando o deslocamento das pessoas para as cidades que polarizam a economia de cada país. Acrescentando a isso o fato de que a maioria dos países subdesenvolvidos, com raras exceções, apresentam altas taxas de natalidade, e assim alto crescimento demográfico, formando desta forma o quadro que explica o rápido crescimento das metrópoles no mundo subdesenvolvido.

A incapacidade de absorver tamanha quantidade de migrantes aumenta o número de pessoas desempregadas. Muitos desses desempregados são permanentes e, para poder sobreviver, acabam se refugiando no subemprego, que é toda forma de trabalho remunerado ou prestação de serviços que funciona à margem da economia formal, compondo desta forma a economia informal.

A economia informal não aparece nos levantamentos oficiais de um país, pois não há nenhum tipo de registro e não recolhe nenhum tipo de imposto. Em consequência, os rendimentos, de modo geral, são muito baixos. Mesmo para os trabalhadores da economia formal, muitos não tem condições de comprar ou alugar sua moradia para viver. Desta forma, aumentam as submoradias: favelas, cortiços, pessoas abrigadas embaixo de pontes e viadutos, quando não vivem ao relento. Essa é a face mais aparente do crescimento desordenado das cidades.



Crescimento desordenado das cidades - Paraisópolis é um bairro favelizado da cidade de São Paulo

Diante deste crescimento desordenado, acaba por se criar um meio social muito favorável à propagação de outro problema que atormenta o cotidiano de milhões de pessoas nas grandes cidades dos países subdesenvolvidos: a violência urbana. Roubo, assaltos, sequestros, assassinatos, entre outros, que atingem milhares de pessoas todos os anos, fazendo muitas vítimas fatais. Tais questões atingem principalmente os habitantes das grandes metrópoles, tanto nos países subdesenvolvidos como nos desenvolvidos, pois muitos desses problemas também ocorrem em metrópoles de países ricos.

Maiores concentrações urbanas, 1970 e 2015
População (em milhões)

1970		2015	
1. Tóquio, Japão	16,5	1. Mumbai (Bombaim), Índia	28,2
2. Nova York, Estados Unidos	16,2	2. Tóquio, Japão	26,4
3. Xangai, China	11,2	3. Lagos, Nigéria	23,2
4. Osaka, Japão	9,4	4. Daca, Bangladesh	23,0
5. Cidade do México, México	9,1	5. São Paulo, Brasil	20,4
6. Londres, Inglaterra	8,6	6. Karachi, Paquistão	19,8
7. Paris, França	8,5	7. Cidade do México, México	19,2
8. Buenos Aires, Argentina	8,4	8. Nova Delhi, Índia	17,8
9. Los Angeles, Estados Unidos	8,4	9. Nova York, Estados Unidos	17,4
10. Pequim, China	8,1	10. Jacarta, Indonésia	17,3

Fonte: Martin B. Brookhoff, *An Urbanizing World*. (Population Reference Bureau, Washington, DC, 2000) apud Deol (2006)

Tabela comparativa do crescimento das populações urbanas

Os números da tabela abaixo explicitam esse que é um dos mais graves problemas urbanos brasileiros e do mundo, a *favelização*.

Maiores populações faveladas por país (UN-Habitat 2003)

	% da pop. Urbana na favela	Número (milhões)
China	37,8	193,8
Índia	55,5	158,4
Brasil	36,6	51,7
Nigéria	79,2	41,6
Paquistão	73,6	35,6
Bangladesh	84,7	30,4
Indonésia	23,1	20,9
Irã	44,2	20,4
Filipinas	44,1	20,1
Turquia	42,6	19,1
México	19,6	14,7
Coreia do Sul	37,0	14,2
Peru	68,1	13,0
Estados Unidos	5,8	12,8
Egito	39,9	11,8
Argentina	33,1	11,0
Tanzânia	92,1	11,0
Etiópia	99,4	10,2
Sudão	85,7	10,1
Vietnã	47,4	9,2

A **ONU** denomina "assentamento precário" as comunidades popularmente conhecidas no Brasil como favelas.



Geografia dos assentamentos precários

Urbanização no Brasil

Já sabemos que a urbanização é o aumento proporcional da população urbana em relação à população rural. Segundo esse conceito, só ocorre urbanização quando o crescimento da população urbana é superior ao crescimento da população rural.

A **urbanização no Brasil** teve seu início na década de 1950, a partir do processo de industrialização, que funcionou como um dos fatores fundamentais para o deslocamento da população da área rural (êxodo rural) em direção à área urbana. Este processo aconteceu de maneira rápida e desordenada ao longo do século XX, com a grande migração da população, em busca das oportunidades oferecidas pelas cidades.

O crescimento e o desenvolvimento do Brasil impulsionaram o surgimento de diversas cidades, sobretudo com a implementação de várias indústrias, que

permitiram novos empregos, atraindo a população que vivia no campo para as cidades. No entanto, esse processo não aconteceu da mesma forma em todo o país. Algumas regiões brasileiras urbanizaram-se mais do que outras em razão das políticas públicas (que incentivaram determinadas áreas e outras não). As regiões sul e sudeste destacam-se porque possuem uma concentração maior de áreas urbanas.

A região sudeste, por exemplo, por concentrar a maior parte das indústrias do país, foi a que recebeu grandes fluxos migratórios vindos da área rural, principalmente da região nordeste. Na região centro-oeste, o processo de urbanização teve como principal fator a construção de Brasília, em 1960, que atraiu milhares de trabalhadores, a maior parte deles vindos das regiões norte e nordeste. Desde o final da década de 1960 e início da década de 1970, o centro-oeste tornou-se a segunda região mais urbanizada do país.

A urbanização na região sul foi lenta até a década de 1970, em razão de suas características econômicas de predomínio da propriedade familiar e da policultura, pois um número reduzido de trabalhadores rurais acabava migrando para as áreas urbanas.

A região nordeste é a que apresenta a menor taxa de urbanização no Brasil. Essa fraca urbanização está sustentada no fato de que dessa região partiram várias correntes migratórias para o restante do país e, além disso, o pequeno desenvolvimento econômico das cidades nordestinas não era capaz de atrair a sua própria população rural.

Até a década de 60, a região norte era a segunda mais urbanizada do país. Porém, a concentração da economia do país no sudeste e o fluxo de migrantes dessa para outras regiões, fez com que o crescimento relativo da população urbana regional diminuísse.

A tabela abaixo apresenta o índice de urbanização por região com evolução dos anos de 1950, 1970 e 2000.

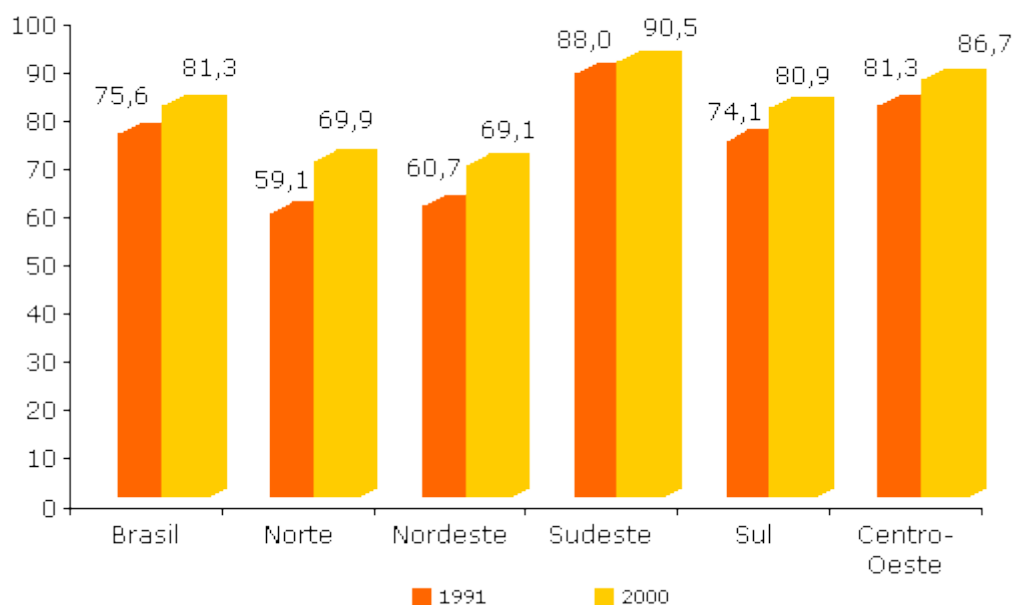
BRASIL: ÍNDICE DE URBANIZAÇÃO POR REGIÃO (%)

Região	1950	1970	2000
Sudeste	44,5	72,7	90,5
Centro-Oeste	24,4	48	86,7
Sul	29,5	44,3	80,9
Norte	31,5	45,1	69,9
Nordeste	26,4	41,8	69,1
Brasil	36,2	55,9	81,2

Estatísticas Históricas do Brasil: séries econômicas, demográficas e sociais de 1950 a 1988 2.ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1990, p 36-7; Anuário estatístico do Brasil 2001, Rio de Janeiro: IBGE, 200, p. 2-14 e 2-15

Ao analisarmos a tabela, observamos novamente que o sudeste é a região que apresenta as maiores taxas de urbanização dos últimos anos.

Grau de Urbanização segundo as Grandes Regiões Brasil - 1991/2000



Fonte: Censo Demográfico, 2000, Características da População e dos Domicílios. IBGE, 2001.

O êxodo rural foi muito intenso nas décadas passadas e a migração dessas pessoas gerou um inchaço urbano em determinadas regiões.

A falta de planejamento urbano, junto com o crescimento desordenado, acarretaram em algumas consequências para esses centros urbanos, tais como: problemas de saneamento básico (como tratamento de distribuição de água e esgoto), congestionamentos no trânsito (em razão da falta de espaço nas ruas), falta de moradias, poluição ambiental, falta de áreas verdes (como praças e bosques), indústrias e residências na mesma área (ocasionando problemas ambientais e de saúde), barulho, violência e diversos outros transtornos que resultam em má qualidade de vida para a sociedade.



Crescimento desordenado: congestionamentos no trânsito



Falta de planejamento: crescimento desordenado

Também ocorreu no Brasil o planejamento urbano para a criação de algumas cidades, entre elas a capital federal, Brasília. O planejamento urbano tem como objetivo evitar os problemas que ocorrem com as cidades que se desenvolvem rapidamente e não têm um acompanhamento adequado.



Brasília, capital federal, exemplo de cidade que foi planejada

Esses centros planejados possuem estudos para fluxos de automóveis (que evitam o congestionamento), bairros para moradias, distritos industriais separados das moradias, áreas verdes, entre outros pontos essenciais para proporcionar uma melhor qualidade de vida para a população que ali habita.



Cidade de Goiânia – cidade planejada

Cidades planejadas no Brasil



Salvador (Bahia) - primeira cidade planejada do país, fundada em 1549



Teresina (Piauí) - fundada no período imperial, em 1852



Aracaju (Sergipe) - fundada em 1855



Belo Horizonte (Minas Gerais) - fundada em 1897

Continua após a publicidade



Goiânia (Goiás) - fundada em 1933



Brasília (Distrito Federal) - fundada em 1960



Palmas (Tocantins) – fundada em 1989



Curitiba (Paraná) – Inicialmente não foi planejada, entretanto Curitiba passou por um processo de reestruturação urbana, que envolveu aprimoramentos contínuos em todas as áreas, com destaque ao sistema de transporte público. As mudanças realizadas na capital paranaense são referência de desenvolvimento no Brasil e no mundo.

Outros exemplos de cidades planejadas são: Camberra (Austrália), Islamabad (Paquistão).



Canberra (Austrália)



Islamabad (Paquistão)

Regiões metropolitanas

As regiões metropolitanas brasileiras foram criadas por lei aprovada no Congresso Nacional em 1973, que as definiu como "um conjunto de municípios contíguos e integrados socioeconomicamente a uma cidade central, com serviços públicos e infraestrutura comum".

No Brasil, algumas regiões metropolitanas são mais articuladas do que outras. Historicamente, é perceptível que o sudeste e o sul são regiões cujo processo de articulação é crescente e com propósitos definidos.

No Brasil, são legalmente reconhecidas treze regiões metropolitanas. Duas delas, São Paulo e Rio de Janeiro, são nacionais. As outras onze metrópoles, Belo

Horizonte, Porto Alegre, Recife, Salvador, Fortaleza, Curitiba, Belém, Baixada Santista, Vitória, São Luís e Natal, são consideradas regionais, por exercerem seu poder de polarização apenas em escala regional.

As regiões metropolitanas com maior número de municípios são:

1º São Paulo (39)

2º Belo Horizonte (34)

3º Porto Alegre (31)

A urbanização atinge:

89% no Reino Unido

78% no Japão

77% nos Estados Unidos

80% no Brasil

De acordo com o IBGE, as cidades são classificadas em:

Metrópoles globais, metrópoles nacionais, centro regional, centro sub-regional 1 e centro sub-regional 2.

Megalópole brasileira

As megalópoles são regiões de ampla aglomeração populacional, formadas pelo agrupamento de grandes regiões metropolitanas, que se interligam não fisicamente, mas por um eficiente sistema de transporte e comunicação.

Trata-se, portanto, de um domínio regional territorial que costuma concentrar os investimentos, as atividades industriais e boa parte da população de um país.

A baixada Santista e a região de Campinas, que juntamente com o vale do Paraíba, formam a primeira megalópole brasileira entre São Paulo e Rio de Janeiro, agrupam um conjunto de treze cidades-satélites.



Megalópole Rio-São Paulo (também chamada megalópole brasileira e megalópole do sudeste brasileiro)

Essa megalópole em formação envolve diferentes centros metropolitanos brasileiros (Rio de Janeiro, São Paulo, Campinas, Vale do Paraíba, Sorocaba e Baixada Santista) localizados na região sudeste do Brasil; as regiões metropolitanas de Campinas e São Paulo, no entanto, estão em um processo de unificação mais avançado e já formam a primeira macrometrópole do hemisfério sul - o Complexo Metropolitano Expandido - que ultrapassa os 32 milhões de habitantes (aproximadamente 75% da população do estado de São Paulo ou 12% da população brasileira).

Com área de 82.616 quilômetros quadrados (0,97% do território brasileiro), formada por 232 municípios de três estados diferentes (Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais), a megalópole inclui as Regiões Metropolitanas (RMs) do Rio e de São Paulo e se estende de Campos dos Goytacazes, no norte Fluminense, a Campinas, no Interior de São Paulo, passando ainda por Juiz de Fora, na Zona da Mata de Minas Gerais.

Nesta região, segundo dados pelo IBGE, vivem em torno de 42 milhões de pessoas, o que representa 23% do total da população brasileira. Entre os principais centros urbanos que compõem a megalópole estão, além de São Paulo e Rio de Janeiro, as

cidades de Campinas, Jundiaí, Piracicaba, Santos, São José dos Campos, Sorocaba, Duque de Caxias, Volta Redonda e Niterói.

Problemas urbanos

O inchaço das cidades gera graves consequências econômicas e sociais nos países, sobretudo aqueles em desenvolvimento, devido à rapidez do processo de urbanização e da carência de infraestruturas urbanas (sistema de transportes, de energia, de água, de esgoto, de saúde e de moradia) para atender a todos os habitantes.

Segundo a ONU, 30% da população mundial que reside em cidades vivem na absoluta pobreza. Entre 20 milhões e 40 milhões de famílias não têm onde morar e por volta de 920 milhões residem em favelas ou áreas irregulares.



Moradias irregulares e em condições de extrema pobreza – problemas urbanos

Outro problema é a falta de postos de trabalho, o que leva 37% dos habitantes das cidades de países em desenvolvimento a trabalhar no setor informal. A esses problemas se somam o trânsito caótico, a alta produção de lixo, a violência, a poluição atmosférica, do solo e das águas, entre outros.



Falta de postos de trabalho levam o trabalhador à informalidade

Para os problemas urbanos, não existem soluções mágicas, que se possam obter em curto prazo. Isso, se de fato existirem tais soluções. No entanto, uma coisa é certa: o processo de urbanização é irreversível.

Atividades econômicas

Fontes de energia

Em nosso planeta, encontramos vários tipos de fontes de energia. Essas fontes podem ser renováveis ou esgotáveis.

A energia solar e a eólica (obtida através dos ventos), por exemplo, fazem parte das fontes de energia inesgotáveis.

Em contrapartida, os combustíveis fósseis (derivados do petróleo e do carvão mineral) possuem uma quantidade limitada em nosso planeta, podendo acabar caso não exista um consumo racional.

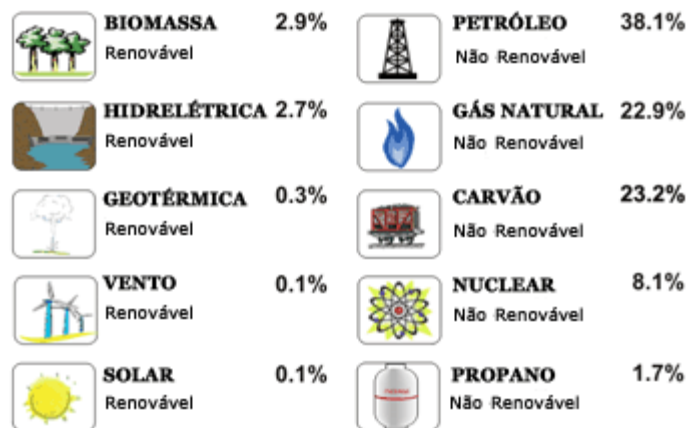


Extração de petróleo - fonte de recurso tradicional esgotável

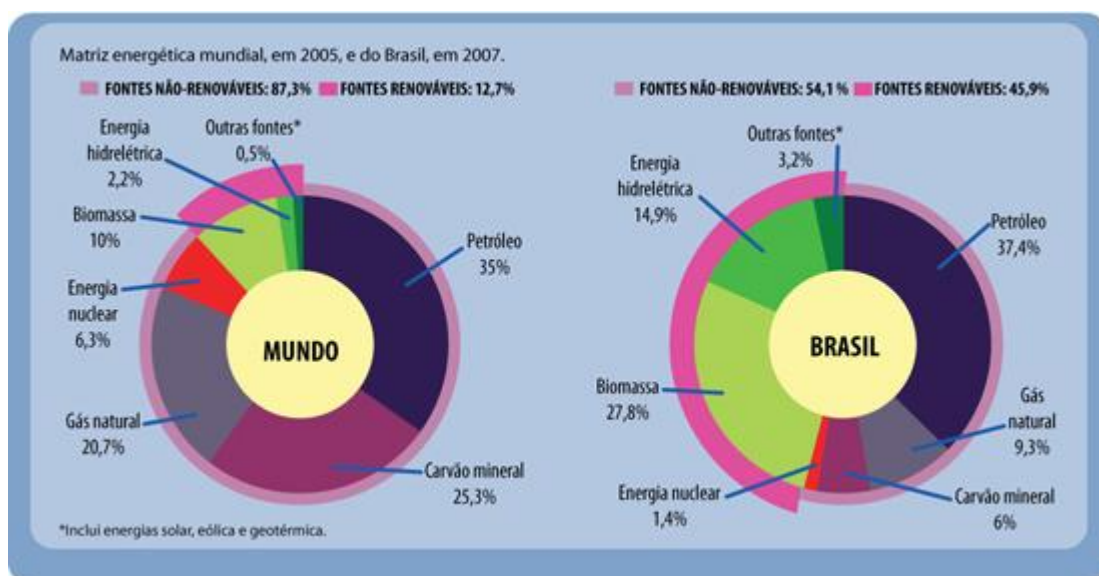
As fontes tradicionais de energia são esgotáveis (a maior parte delas). Disso, resulta a necessidade de se encontrar modelos alternativos que contribuam com a produção mundial.

Fontes tradicionais	Fontes alternativas
Hidroeletricidade	Biomassa
Carvão	Solar
Nuclear	Eólica
Petróleo	Álcool
Gás	Geotérmica
Lenha	Marinha

Observe a seguir alguns dados sobre a utilização das fontes energéticas no Brasil e no mundo.



Esquema explicativo do consumo de energia mundial por fonte energética



Matriz energética comparativa - mundial (2005) e Brasil (2007)

Estudaremos a partir de agora os seguintes tipos de energia:

- Energia hidráulica
- Energia fóssil
- Energia solar
- Energia de biomassa
- Energia eólica
- Energia nuclear
- Energia geotérmica
- Energia gravitacional

3- A MISCIGENAÇÃO E A FORMAÇÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA

O povo brasileiro é resultado da miscigenação de vários povos.

Os indígenas, os portugueses e os africanos são os principais grupos.

No entanto, há vários imigrantes europeus e asiáticos que vieram para o Brasil, especialmente a partir do século XIX, que também formaram o povo brasileiro.

Os Indígenas e a formação do Brasil

O território que se tornaria o Brasil registra a presença de humanos há 12 mil anos.

Os indígenas ocupavam toda superfície, especialmente o litoral. Não devemos pensar que se tratavam de um único povo, mas sim de várias tribos indígenas, cada uma com sua língua e costumes.

A etnia mais numerosa eram a dos tupis-guaranis, e foram com eles que os portugueses travaram contato.

Os tupis conheciam a natureza, tinham nomeado os montes, praias e rios, sabiam quais as ervas eram nocivas ou não. Tudo isso foi ensinado aos portugueses.

Um dos exemplos mais claros da permanência da cultura indígena no Brasil pode-se comprovar através dos nomes próprios, como *Itapoã*, *Piratininga*, *Pará*, etc.

Na culinária, destaca-se o uso intensivo da mandioca, planta que havia sido domesticada pelos indígenas e que é item obrigatório em vários pratos brasileiros.



A cultura indígena sobrevive no Brasil através da arte

Os Europeus e a origem do povo brasileiro

Portugueses

O primeiro grupo europeu a aportar no Brasil foram os portugueses. Estes realizaram as viagens marítimas com vários objetivos: queriam metais preciosos, terras, expandir o cristianismo e glória nas batalhas. Motivos não faltaram para cruzar o “Mar Oceano”.

Os portugueses introduziram novos conceitos de sociedade, economia e religião, muito diferentes aos costumes indígenas. Um dos exemplos é a economia: ao invés de plantar para subsistência, agora era preciso cultivar produtos em grande escala que pudessem ser vendidos no mercado europeu.

Também trouxeram sua religião e a impuseram aos indígenas. Através da crença, vieram as festas, o idioma (latim e o português) e uma nova filosofia de vida. Ao invés de vários deuses, agora, adorava-se somente uma divindade, havia um livro para seguir e uma hierarquia de sacerdotes.

Além da religião, o português passou a ser o idioma do novo território, assim como a organização política e a economia capitalista.

Holandeses

Igualmente, durante o período colonial, temos que considerar a influência dos holandeses, especialmente em Pernambuco.

A chegada dos holandeses significou a vinda de uma nova religião, o calvinismo. No princípio, este gerou vários conflitos de ordem religiosa com episódios de destruição de templos católicos.

Os holandeses, também chamados de batavos, permaneceram vinte e quatro anos até serem expulsos por uma armada luso-espanhola.

Os Africanos na formação do Brasil

Os africanos foram trazidos para serem escravos nas Américas.

No entanto, cada indivíduo trouxe seu idioma, sua fé e suas habilidades. Desta maneira, este saber foi se disseminando tanto nas fazendas onde trabalhavam como nos quilombos, que eram espaços de liberdade.

Apesar de toda brutalidade da [escravidão no Brasil](#), os africanos introduziram alimentos, como o feijão e o quiabo. Na música, sua influência daria a cadência e o ritmo sincopado próprio da música popular brasileira.

Igualmente, na dança, verificamos que o jeito de mover a cintura foi herdada dos africanos, o que originou uma infinidade de bailes como o maxixe e o [samba](#).

Os africanos, como os povos iorubás e jejes, trouxeram a religião e seus orixás, que foram misturados com a crença cristã. Isto deu origem aos terreiros de [Candomblé](#) e, posteriormente, à [Umbanda](#) no Brasil.

Além disso, várias palavras africanas foram incorporadas ao português brasileiro, como *quilombo*, *marimbondo*, *moleque*, *farofa*, *cochichar*, *quitute*, etc.



Festas como o maracatu são de influência africana

Imigrantes Europeus no Brasil nos séc. XIX e XX

Durante o século XIX, após vinda da corte portuguesa, os portos brasileiros foram abertos para o comércio com outras nações. Igualmente, pessoas de qualquer nacionalidade que desejavam fazer uma vida melhor, puderam se estabelecer no Brasil.

Desta maneira, levas de italianos, alemães, suíços, poloneses, espanhóis e árabes de diversas procedências vieram ao Brasil.

Cada uma dessas ondas de imigrantes acrescentou sua cultura e seus costumes ao Brasil. Assim, temos uma série de pratos, como o quibe e a esfirra, de origem árabe; bem como a introdução das massas e almôndegas pelos italianos, por exemplo.

Por sua parte, no começo do século XX a [imigração japonesa](#) foi estimulada pelos governos de ambos os países. Como consequência, o Brasil tem a maior população de descendentes de japoneses no mundo.

Mestiçagem no Brasil

A união entre os diferentes biotipos humanos acabou gerando indivíduos que não eram completamente indígenas, brancos ou negros, no que se refere ao aspecto genético.

Este fenômeno é chamado de [miscigenação](#) ou mestiçagem e está muito presente na sociedade brasileira.

Como esta era uma sociedade que se pautava sobretudo pela cor da pele, os novos tons ganharam nomes específicos.

Vejamos alguns deles:

Nome	Origem
Mameluco, caboclo, caçara	mestiço de branco com índio (a coloração da pele acobreada lembrava os mamelucos egípcios)
Curiboca	filho de índio com mameluco
Mulato	filho de negro com branco
Pardo	filho de mulato com branco
Cafuzo	filho de negro com índio
Cabra	filho de negro com mulato
Crioulo	filho de pais negros, nascidos no Brasil

Desta maneira, percebemos que o povo brasileiro tornou-se uma grande mistura, tanto cultural e religiosa, como genética.

Este fenômeno foi estudado por vários autores, dentre os quais:

1. [Gilberto Freyre](#), em sua obra *Casa-grande e Senzala*;
2. Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra *Raízes do Brasil*;
3. [Darcy Ribeiro](#), em sua obra *Formação do Povo Brasileiro*;
4. Oliveira Viana, em sua obra *Populações Meridionais do Brasil*;
5. [Euclides da Cunha](#), , em sua obra *Os Sertões*;
6. Paulo Prado, , em sua obra *Retrato do Brasil*;
7. [Florestan Fernandes](#), , em sua obra *Corpo e Alma do Brasil*.

REFERÊNCIAS

<https://www.todamateria.com.br/mercado-de-trabalho/>>acesso em 26/05/2020

<https://www.sogeografia.com.br/Conteudos/GeografiaHumana/Populacao/populacao5.php>>acesso em 26/05/2020

<https://www.sogeografia.com.br/Conteudos/GeografiaHumana/Populacao/populacao6.php>>acesso em 25/05/2020

<https://www.todamateria.com.br/formacao-do-povo-brasileiro/>>acesso em 26/05/2020